

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES**  
**MESTRES DE HOLLYWOOD**  
**28 de Dezembro de 2023**

**DUEL OF HONOR / 1958**

*Um telefilme de Joseph H. Lewis*

Realização: Joseph H. Lewis / Argumento: Ken Kolb / Direcção de Fotografia: George Diskant / Direcção Artística: Bill Ross / Música: Herschel Burke Gilbert / Montagem: Arthur Hilton / Interpretação: Chuck Connors (Lucas McCain), Johnny Crawford (Mark McCain), Cesare Danova (conde Di Montova), Jack Elam (Slim Groder), Joe Bassett (Nat Gilkey), John Dierkes (Niels Swenson), Bill Quinn (Frank Sweeney), Glenn Strange (Joey Cole), John Harmon (Eddie Halstead), etc.

Produção: Four Star – Sussex Productions, para a ABC / Cópia 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 25 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**THE DESERTER / 1960**

*Um telefilme de Joseph H. Lewis*

Realização: Joseph H. Lewis / Argumento: Albert Aley / Direcção de Fotografia: Howard Schwartz / Direcção Artística: Bill Ross e Gibson Holley / Música: Herschel Burke Gilbert / Som: Clarence Peterson / Montagem: Lester Orlebeck / Interpretação: Chuck Connors (Lucas McCain), Johnny Crawford (Mark McCain) Paul Fix (Micah Torrance), Robert Cornthwaite (major Damler), Harry Carey Jr (tenente Rolfe), Ron Hagerty (Ben Haskell), Baynes Barron (Kirk), Bill Quinn (Frank Sweeney), etc.

Produção: Four Star – Sussex Productions, para a ABC / Produtores: Arthur Garden, Arnold Laven e Jules Levy / Cópia 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 25 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**PANIC / 1959**

*Um telefilme de Joseph H. Lewis*

Realização: Joseph H. Lewis / Argumento: Albert Aley / Direcção de Fotografia: Howard Schwartz / Direcção Artística: Bill Ross e Gibson Holley / Música: Herschel Burke Gilbert / Som: Clarence Peterson / Montagem: Jerry Young / Interpretação: Chuck Connors (Lucas McCain), Johnny Crawford (Mark McCain), Hope Summers (Hattie Denton), Paul Fix (Micah Torrance), Enid Jaynes (Amy Barker), Dabbs Greer (Brett Conway), William Joyce (Clay Barker), Bill Quinn (Frank Sweeney), etc.

Produção: Four Star – Sussex Productions, para a ABC / Produtores: Arthur Garden, Arnold Laven e Jules Levy / Cópia 16mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 26 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Se olharmos só para as filmografias dadas em histórias do cinema, Joseph H. Lewis é um realizador que “desaparece” (com ou sem aspas) em 1958, a seguir ao excelente, insólito, “western” que foi **Terror in a Texas Town**. A partir daí não há mais Lewis, acabado para o cinema com a relativamente jovem idade de 51 anos, depois de uma carreira que deu alguns clássicos absolutos do cinema americano de baixo orçamento, como **My Name is Julia Ross**, **Gun Crazy** ou **The Big Combo**, entre outros títulos que vale sempre a pena destacar.

Para encontrar o rasto de Lewis depois de 1958 é preciso olhar para histórias da televisão. Foi para aí que ele se transplantou voluntariamente a seguir a **Terror in a Texas Town**, à procura, como se explica nas notas publicadas no jornal mensal da programação, de um ritmo de trabalho diferente, tendo também em conta que o coração já lhe pregara um susto (mas resistiu bem: Lewis morreu em 2000, com a bonita idade de 93 anos). Daí em diante, e até 1966, ano em que deixou completamente a realização, Lewis trabalhou exclusivamente para a televisão, dirigindo episódios de múltiplas séries. À cabeça surge **The Rifleman**, de que Lewis dirigiu 51 episódios de um total de 168, portanto praticamente um terço. E é a **The Rifleman** que pertencem os três episódios que vamos ver, realizados em três anos sucessivos e, portanto, inseridos em “temporadas” diferentes da série.

Sem conhecimento de causa, é difícil jurar pela totalidade da série, ou até pelos outros 48 episódios dirigidos por Lewis. Mas o que une estes três curtos filmes que vamos ver, para lá da economia (economia de meios, economia da expressão, economia da narrativa) que em muito se aproxima da da série B, é uma curiosíssima tendência para, à falta de melhor palavra, o didactismo. Um didactismo político, um didactismo comunitário (e político, portanto, por ser comunitário). O estrangeiro de modos estranhos do primeiro episódio, o desertor do segundo, a família doente do terceiro – todos eles servem para uma lição de aceitação do, outra vez à falta de melhor palavra, Outro. **Duel of Honor** até começa, num diálogo entre o pai Chuck Connors e o filho pequeno Johnny Crawford (os dois protagonistas da série), com uma lição muito explícita e muito expressa sobre a xenofobia, o que é, como nasce, e por que deve ser combatida. Mutatis mutandis, a mesma moral educativa também surge nos outros episódios, a partir de histórias que se alçam igualmente a uma condição exemplar. Hipótese a explorar, levantada por vários dos telefilmes que fomos vendo ao longo deste mês: para estes cineastas vindos de uma longa história em Hollywood, se o cinema era um território para explorar ambiguidades de forma mais ou menos sombria, a televisão era o meio onde a ambiguidade se suspendia, e as sombras trocavam-se por um outro tipo de clareza expositiva.

Luís Miguel Oliveira